



Representações Midiáticas das Práticas Sociais¹

Profa. Dra Carla Reis Longhi (UNIP- PUC/SP)²

Resumo

Este artigo discute as representações midiáticas da sociabilidade urbana, tomando a cidade de São Paulo como eixo de discussão e as representações sobre a mesma no jornal Folha de São Paulo. Tomando por base as discussões de Michel Certeau sobre o urbano, de Michel Foucault sobre o poder e as reflexões de Roger Chartier sobre as representações, propomos a análise das representações midiáticas do cotidiano de sujeitos carentes, refletindo sobre a sociabilidade contemporânea.

Palavras-chave: práticas sociais, representações; poder

Este artigo é parte de uma pesquisa em andamento, que analisa diferentes aspectos dos processos de representação midiática da esfera pública. Neste artigo, privilegamos a discussão sobre as representações midiáticas do cotidiano da cidade de São Paulo. Este objeto será definido em partes, pois articula distintos aspectos conceituais, metodológicos e diferentes âmbitos temáticos. Pensemos, primeiramente, sobre a idéia de representação, pois *“construir a noção de representação como o instrumento essencial da análise cultural é investir de uma pertinência operatória um dos conceitos centrais manuseados nestas sociedades”* (CHARTIER, 1991,184). Chartier neste trecho não se referia à nossa sociedade, mas notamos a completa pertinência desta fala para pensarmos sobre a nossa realidade, tomando-a como ponto de partida. Indicamos, então, neste artigo, que este é um conceito chave para a compreensão das formas de sociabilidade existentes contemporaneamente e, em função disto, partimos da sua discussão conceitual.

Nas definições antigas (por exemplo, a do Dicionário universal de Furetière em sua edição de 1727) (23), as acepções correspondentes à palavra "representação" atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Historiadora e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNIP e professora do Departamento de História da PUC/SP



apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é. (CHARTIER, 1991, p. 184)

A transcrição retoma os sentidos da palavra no séc. XVIII apontando para um entendimento que se constituiu anteriormente. Baitello (2005) nos mostra que a origem da palavra imagem (imago), no latim, significava 'retrato de um morto'. Vemos que partilham do mesmo sentido, a presença de uma ausência. Esta presença pode se fazer por indícios materiais e/ou simbólicos, o que, segundo Chartier, possibilitou a construção de toda teoria dos signos e as especificidades dos símbolos como um tipo de signo social. A complexidade social, contudo, não permite que entendamos as representações, apenas como a presença de uma ausência. Por um lado, as representações criam desdobramentos de entendimentos que podem ocorrer por diferentes motivações. Os autores das imagens podem buscar a teatralização social (Chartier, 1991) criando diferentes níveis de distanciamento do significado com o seu referente, num mascaramento de seu sentido original. Baudrillard já nos mostrou que este distanciamento pode ser tão extenso que passa a constituir simulacros e não mais representações. Neste processo de complexização e distanciamento, Baitello atenta para um outro aspecto, o esvaziamento dos sentidos da imagem. O autor entende que a origem das imagens visava preencher o ser humano de uma ausência. Isto significa dizer que o sentido das mesmas seria o de alimentar a imaginação, o sentimento e a memória humana, possibilitando nosso contínuo enriquecimento e crescimento. Mas se as imagens perdem o seu sentido simbólico, tem pouco a dizer e ao invés de garantirem um percurso de interiorização, se externalizam, alimentando a si próprias, pois como não dizem nada, precisam se reinventar continuamente para captar nossa atenção. Este percurso de distanciamento da imagem em relação à existência e de esvaziamento da primeira traz conseqüências às relações sociais:

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela certeza, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta: "Só os homens de guerra não estão disfarçados assim, porque na realidade a sua parte é mais essencial: estabelecem-se pela força, ao passo que os outros o fazem pela aparência" (28).(CHARTIER, 1991, P.185/186)



Vemos que ponderar sobre as imagens e as representações nos remete a pensar sobre os seus significados e usos sociais, necessariamente pensados num contexto sócio-cultural específico. O contexto aqui proposto é o contexto contemporâneo, ponderando sobre as representações midiáticas da cidade de São Paulo, no jornal Folha de S. Paulo, através da observação do Caderno Cotidiano, no intervalo de junho de 2009 à dezembro de 2009. Este caderno foi observado integralmente, no recorte temporal proposto, originando tabelas de registro de todas as matérias publicadas no mesmo, independente de seu tema. Em nossa pesquisa original, vários são os aspectos observados, mas para este artigo propomos a análise de como o cotidiano e, logo, os sujeitos sociais em interação com o mesmo são representados, ponderando também, sobre os sentidos das representações constituídas. Dentre as diferentes formas de representação social, delimitamos as representações midiáticas e para tanto propomos uma pequena reflexão sobre o papel do jornal na sociedade contemporânea. Com o crescimento das cidades, ocorreu um processo de fragmentação urbana, advindo tanto da atomização do sujeito e das possibilidades propostas pelas novas tecnologias quanto pelo crescente adensamento urbano que inviabiliza a leitura sobre a cidade. O morador da cidade e o visitante perdem a capacidade de compreender a cidade em sua totalidade, pois não têm mais condições de percorrê-la ‘in loco’. A própria organização urbana contemporânea inviabiliza esta possibilidade, pois é cada vez mais projetada para atender as necessidades de mobilidade. Esta se constitui e se mostra fragmentada³:

“Do passeio do flâneur que reunia informações sobre a cidade para depois transferi-las às crônicas literárias e jornalísticas, passamos em cinquenta anos, ao helicóptero que sobrevoa a cidade e oferece a cada manhã, através da tela do televisor e das vozes do rádio, o panorama de uma megalópole vista em conjunto, sua unidade recomposta por quem vigia e informa” (Canclini, 2002, p.41)

O trecho acima é elucidador: a fragmentação, característica de nossa contemporaneidade leva à necessidade de meios que gerem imagens de totalidade, no caso, constituídos pelas mídias massivas. Isto indica, por um lado, a necessidade humana de buscar compreensões em imagens totalizadoras, “ *A que erótica do saber se liga o êxtase de ler tal cosmos? Apreciando-o violentamente, pergunto-me onde se origina o prazer de ‘ver o conjunto’, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos*

³ O conteúdo apresentado sobre a fragmentação do espaço urbano foi discutido pela autora no texto ‘Representações midiáticas das urbanidades’



textos humanos.” (CERTEAU, 1994, p.170), que seriam as referências sobre o que é comum, o que constitui a realidade para a maioria e, por outro lado, apresenta o papel que as mídias massivas assumem na constituição das referências sobre este público, então, sobre a realidade e, logo, sobre o próprio homem, num procedimento que, como colocado por Canclini, vigia e informa. Vemos que a forma como a cidade se organizou levou à necessidade de criação de novos processos de mediações para a leitura sobre a mesma. Esta circunstância gera desdobramentos e estes se relacionam ao papel assumido pelas mídias e ao significado de se construir referências sobre a realidade a partir de representações. Assim, as referências sociais sobre sua própria sociabilidade passam a se constituir por processos de representação e estes são sempre leituras sobre o real, ao mesmo tempo em que demonstram a importância que as diferentes mídias assumiram na sociedade contemporânea.

Mas por que definir a discussão sobre as representações do cotidiano? Pois como demonstra Meneses, o cotidiano é *‘a instância em que concretamente se instituem as relações sociais, em que práticas sociais dão corpo e efeito aos interesses em jogo’* (MENESES, 2006, p. 38). O cotidiano, neste artigo, é proposto na observação das práticas sociais no espaço urbano, a vivência da cidade *“A palavra habitante vem do latim habeo, que quer dizer ter, manter uma relação constante com algo; o sufixo it (habito) aprofunda e reitera esta relação. Hábito, habitar, portanto, expressam um grau superior e constante de apropriação”* (MENESES, 2006, p.39). Tanto o cotidiano quanto a própria organização do espaço urbano vem sofrendo remodelações contínuas e o nosso interesse é o de ponderar sobre as características destes aspectos no contexto contemporâneo e midiático. Várias questões se colocam para esta abordagem. A primeira é a de como propor a discussão sobre o cotidiano de uma cidade como São Paulo. O espaço urbano paulistano é complexo, extenso e fragmentado, tornando-se impossível pensá-lo numa totalidade; assim, precisamos delimitar um corpus de pesquisa. Optamos por estabelecer um recorte bem específico: analisar as representações de sujeitos normalmente silenciados: as comunidades carentes, usualmente denominadas de favelas, na sua condição de habitantes, na relação com o espaço urbano.



Nos seis meses observados, poucas foram as matérias sobre estas comunidades. Observemos a proporção de matérias publicadas para cada tema (indicamos a quantidade de dias e não a quantidade de páginas), por mês observado:

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Nov
Paraisópolis	1	1		1	1	
Heliópolis				4		
Brasilândia			1			
Filhos da Terra			1			
Capão Redondo			2	1		
Favela do Sapo		1				
Favela N. Jaguaré					1	
Cracolândia	1	7	2	3	2	1
USP	10	1				1

Vemos que, excetuando-se as matérias sobre a Cracolândia, batizada de Projeto Nova Luz, nenhuma outra comunidade apareceu mais de 4 vezes ao longo de seis meses. Colocamos a comparação sobre as matérias da greve na USP, para mostrar que esta temática totalizou 12 dias com matérias, numa desproporção de visibilidade, presente na comparação com outros diferentes temas, como a questão do cerceamento das áreas para fumantes, questões relativas ao transporte, ao Enem, sem contar com os temas que indiquem tragédias ou crises específicas, como a tragédia da queda do avião francês e a gripe suína, que ocuparam, ostensivamente, as páginas do Caderno Cotidiano. A observação do número de vezes que um tema aparece no jornal, deve se associar ao modo como o tema é discutido. Não é objeto deste artigo a discussão sobre a composição do próprio texto, mas gostaríamos de destacar que são aspectos importantes para analisar qualquer tipo de publicação. Assim, diferentes aspectos sobre o suporte utilizado, como a diagramação de página, tamanho da matéria, local do caderno onde se encontra, relação com imagens e manchete são aspectos observados, mas não analisados teoricamente neste espaço. Vejamos o perfil das matérias publicadas:



Jardim F. da Terra- 28/08

FOLHA DE SP

Jovem morto pela polícia não reagiu, afirmam parentes

Após manifestação em bairro na zona norte da cidade, Polícia Militar reforçou esquema de segurança na região

Segundo a PM, o jovem teria sido atingido por uma bala perdida durante uma manifestação na tarde de ontem.

Um jovem morreu após ser atingido por uma bala perdida durante uma manifestação em Jardim F. da Terra, bairro da zona norte de São Paulo, na tarde de ontem (27). Segundo a Polícia Militar, o jovem não reagiu quando foi atingido por uma bala perdida durante a manifestação. O jovem morreu no local e seu corpo foi encaminhado para o Hospital de Emergência de São Paulo. A Polícia Militar reforçou o esquema de segurança na região após a manifestação.



Foto: Agência Brasil

Precisa de um superdesconto para trocar a sua impressora velha por uma nova?

Trade In HP. Troque sua impressora velha por uma nova HP com um superdesconto. Ofertas especiais para troca de impressoras HP LaserJet e Inkjet. Consulte o site para mais informações.

Paraisópolis- 13/07

FOLHA DE SP

Bebê e garota são baleados em Paraisópolis

Vítimas foram atingidas durante troca de tiros entre policiais e um suspeito na favela; elas não correm risco de morte



Foto: Agência Brasil

191 mortos
Mortandade enfrentaram PM neste ano

Em 13 de julho, 191 pessoas foram mortas em conflitos entre policiais e suspeitos em favelas de São Paulo. Este é o maior número de mortes em um único dia desde o início do ano.

Dois policiais foram atingidos durante uma troca de tiros com um suspeito em Paraisópolis, favela da zona norte de São Paulo, na tarde de ontem (13). Uma criança e uma adolescente também foram atingidas, mas não correm risco de morte. O suspeito foi preso após a troca de tiros.

Brasília - 06/08

VILA BRASILÂNDIA
Moradores fazem protesto contra lama na rua

LUIS EDUARDO SOUZA DO "AGORA"

Cerca de 200 moradores da Vila Brasilândia —na zona norte de São Paulo— bloquearam a avenida Deputado Cantídio Sampaio, entre as 18h e as 20h30 de ontem. Em conflito com a PM, um manifestante e um policial se feriram.

Eles protestaram contra a lama deixada todos os dias na rua por cerca de 700 caminhões de lixo que circulam em um aterro próximo ao local.

Os manifestantes fecharam a via ateando fogo em entulhos. Além disso, também atiraram pedras e rojões contra a Polícia Militar. Para dispersar a multidão que se formou, a PM usou gás lacrimogênio.

Um morador e um policial saíram feridos da manifestação de rua. Quatro pessoas foram detidas.

A avenida Deputado Cantídio Sampaio foi liberada depois de um acordo com a Polícia Militar, que permitiu a passagem das reivindicações dos moradores ao poder público.

Favela do Sapo (Água Branca)- 16/07

C6 cotidiano

QUINTA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 2009

FOLHA DE SP

Prefeitura de SP adia remoção de favela

Decisão foi tomada após moradores barrarem ontem de manhã o acesso dos funcionários municipais ao local, na margina

Segundo a Sehab, mudança de planos não representa o cancelamento da remoção nem abre discussões sobre verba oferecida às famílias

ROBERTO MADUREIRA DA SILVA

A Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo adiou por tempo indeterminado a desapropriação dos barracos da favela do Sapo, situada na Água Branca (zona oeste), na pista local da marginal Tietê. A decisão foi tomada após moradores barrarem ontem de manhã o acesso dos funcionários da prefeitura ao local.



Favela do Sapo, na Água Branca (zona oeste), onde a desapropriação dos barracos foi adiada

Segundo a Sehab, a mudança de planos não representa o cancelamento da remoção nem abre discussões sobre benefícios oferecidos às famílias, ao contrário do que disseram os representantes dos moradores.

De acordo com a Sehab, serão oferecidos de R\$ 1.500 a R\$ 3.000 para as famílias que estão vivendo na favela há mais de um ano.

As 80 famílias que chegaram depois de ter sido concluído o cadastro da marginal Tietê, a Secretaria afirma que 455 famílias foram cadastradas em junho. O defensor público Carlos Moreira afirmou ontem uma ação civil pública para garantir atendimento a todas as famílias. Uma mudança de concessão na favela foi marcada para o dia 23 de julho.

Na noite de antontem, um grupo de moradores chegou a fechar a marginal Tietê por 14 minutos. Ontem pela manhã, eles bloquearam a entrada da favela com laje de lixo e pedaços de madeira, pedindo melhoria nos benefícios e inclusão de todas as famílias.

A subprefeita da Lapa, Sonia Francini, disse ser contra a paralisação do processo de remoção, mas a favor de um diálogo com a população.

"Quando se interrompe o diálogo, o problema se agrava. Com certeza há muita gente sofrendo ali, mas há também quem tenha interesse no conforto", afirmou a subprefeita.

Segundo a Sehab, o desmentido com os moradores não deve atrapalhar os planos urbanísticos previstos para a região, a Operação Urbana Água Branca, que prevê a construção de condomínios verticais e espaços públicos no projeto da Nova Marginal do Tietê, anunciado em junho.



Capão Redondo- 25/08	Heliópolis- 02/09
	

Das matérias destacadas, podemos observar que, excetuando-se a discussão sobre a Brasilândia que apresenta um protesto contra a condição de vida na favela, apresentando moradores cansados com os mal tratos recebidos, neste caso pela presença contínua de lama nas ruas, em função da passagem de caminhões de lixo para o transporte do mesmo para um aterro próximo, todas as outras se relacionam ou ao despejo, então a perda da moradia, ou a mortes em função de tiroteios com a polícia. Nos dois casos a população reage com barricadas, fechando os acessos de sua comunidade, barricadas reforçadas com o fogo ateadado a colchões, pneus ou o que estiver à frente. Vemos que há uma reincidência na forma como estas comunidades são mostradas e algumas questões se colocam sobre isto. Primeiro, ao considerarmos as práticas sociais. Certeau as analisa através de duas modalidades operatórias: as estratégias e táticas. Por estratégias entende:

“ o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes, concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa)...É também um domínio dos lugares pela vista. A divisão do espaço permite uma prática panoptica a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir, controlar portanto e ‘incluir’ na sua visão.” (CERTEAU, 1994 , p. 99/100)



Nosso objeto traz duas instâncias de estratégias colocadas que se constituem paralelamente, mas vinculadas ao mesmo projeto social. Assim, tomando-se o contexto das comunidades retratadas, vemos a clara estratégia de controle social imposto tanto pelos setores privados (as empresas que circulam no interior da comunidade causando estragos, as empresas que conseguem reintegração de posse) quanto pelos setores públicos em convergência aos interesses privados. Há um discurso de poder, posto na lógica da estratégia que, a todo momento, informa o lugar destes sujeitos no interior da sociedade. Ainda segundo Certeau, a própria definição do conceito de estratégia pressupõe a constituição de um lugar próprio e para o autor todo lugar define uma normatização que aparece como reguladora social, mas que na verdade, é um discurso de poder, um domínio. Retomando Bauman, estes sujeitos são parte da categoria dos *vagabundos*, presos ao lugar e à imposição do lugar, pois para Certeau, o lugar define regras e lógicas sociais que procuram classificar e ordenar os diferentes grupos sociais. Como estratégia, os *vagabundos* são lembrados de que devem se submeter, pois só assim podem participar do sistema; ao mesmo tempo, como já colocou Certeau, é uma estratégia de visibilidade, que visa afirmar aos outros sujeitos o lugar que ninguém quer estar, construindo o discurso de que a participação na lógica do consumo pode propiciar a distinção em relações àqueles que ninguém quer ser ou ver. “ *O vagabundo é o alter ego do turista*” (BAUMAN, 1999, p.102) e cumpre este papel. Como segunda instância definimos o papel do próprio jornal que também demarca um discurso sobre estes sujeitos sociais. Em entrevista a este mesmo caderno, Raquel Rolnik afirma que muitas coisas acontecem nestas comunidades, entre elas, fatos muito positivos, mas estas comunidades são sempre retratadas da mesma forma, como sujeitos desprovidos, carentes em todos os aspectos, submetidos às demandas impostas, reagindo a estas de modo desesperado e infrutífero e a isto Chartier chamará das lutas dos processos de representação. Segundo ele:

a noção de " representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de

modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.
(CHARTIER, 1991, p.183)

Chartier demonstra que os processos de representação social atendem a diferentes intencionalidades. Como objetivo, visam a constituição de identidades, através de práticas propostas pelos próprios grupos que buscam uma qualificação de uma pessoa ou grupos sociais, buscando a constituição de identidades individuais e coletivas. Neste sentido, aproxima-se da noção de ‘táticas’ proposta por Certeau “ *Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.*” (CERTEAU,1994, p. 100). Estas são indefinidas, buscam autonomia e oposição às estratégias impostas. Vejamos o exemplo abaixo:

Paraisópolis- 09/06	Destaque
 <p>Diretores da Bienal de Roterdã vão a favela e são hostilizados</p> <p>Em Paraisópolis, o grupo foi apedrejado por vigilantes do local e parado por não contrariar a projeto de reurbanização</p> <p>de cinco de 30 moradores em um bloco de quatro blocos e cada um deles. Os protestos foram liderados por um grupo de moradores locais, conhecido como 'Comitê de Defesa da Favela', que se reuniu no Centro Cultural de Paraisópolis para discutir o projeto de reurbanização da Bienal de Roterdã. O grupo foi apedrejado por vigilantes do local e parado por não contrariar o projeto de reurbanização.</p>	<p>Numa incursão pelos becos de terra batida e esgoto a céu aberto, homens que faziam vigília nas lajes atiraram pedras, gritaram para que os estrangeiros saíssem dali e disseram que eles não podiam tirar foto. A favela, na divisa das zonas sul e oeste, já foi alvo de ações da polícia em razão do tráfico.</p> <p>O grupo foi retirado às pressas por assessores da prefeitura, que falavam nervosos ao celular e pediam a presença da polícia, que não apareceu.</p> <p>“Não importa. Trabalha com...”</p>

O destaque desta matéria apresenta as táticas sociais propostas pelos moradores da Favela de Paraisópolis “... *homens que faziam vigília nas lajes atiravam pedras, gritavam para que os estrangeiros saíssem dali e disseram que eles não podiam tirar foto.*” A íntegra da matéria demonstra a surpresa destes urbanistas com a reação dos moradores; o intuito dos visitantes, para os mesmos, era o de contribuir, trazendo soluções para o planejamento urbano. Para os moradores, estava demarcado um lugar, agora proposto no sentido discutido por Augé, um território de identidades e pertencimentos que não podia ser apropriado sem autorização e seus moradores não poderiam ser tratados como objetos exóticos; aqui se delineava, claramente, uma



disputa simbólica. O jornal articula suas estratégias discursivas frente às táticas sociais. Na sequência do texto transcrito, justifica a ação dos moradores ‘*A favela, já foi alvo de ações policiais*’, mas impõe um sentido para isto, demarcando, mais uma vez, um lugar social ‘*...em razão do tráfico*’. Para Certeau as estratégias e táticas são dinâmicas, num confronto contínuo. Mas enfrentam, como mostra Chartier, a contínua busca das formas institucionalizadas que querem demarcar uma visão de mundo, o que favorece construções classificatórias e ordenadoras deste social. Desta forma, as representações são processos de lutas simbólicas, que nem sempre explicitam a condição de guerra, mas indicam os sujeitos submetidos e os discursos vitoriosos. Isto por que são, em primeira instância, processos de regulação do mundo, pois para representar é preciso, primeiro, classificar e a classificação é uma forma de ordenação e, intencionalmente ou não, de hierarquização. Para Foucault, os processos de classificações são construções discursivas sobre o saber que se apresentam como conhecimentos constituídos, diluindo a função discursiva como lógica de poder. Assim, ao se constatar o modo como diferentes grupos ou situações são representadas, definimos o lugar social que lhes é imputado, o que remete a um segundo aspecto, sobre quem são os sujeitos sociais que ordenam o mundo e como os diferentes grupos articulam suas práticas no intuito de demarcar sua própria condição.

Na tabela apresentada anteriormente, notamos a presença destoante do número de matérias sobre a Cracolândia, depois Projeto Nova Luz. Abaixo destacamos um trecho que explicita as motivações expressas pela prefeitura:

Kassab quer que cracolândia seja bairro mais povoado de SP

Meta é atingir densidade de 35 mil habitantes por km² —ou 350 por quadra

Erramos

Região concentra hoje centenas de viciados, que fumam crack à luz do dia; projeto urbanístico deve ficar pronto só em 2010

DA REPORTAGEM LOCAL

O projeto de revitalização da cracolândia elaborado pelo governo Gilberto Kassab (DEM) prevê transformar a área, no centro de São Paulo, no bairro com a maior população por metro quadrado da cidade.

Ocupada por prostitutas desde a década de 1930, a região concentra centenas de viciados, que fumam crack nas ruas em plena luz do dia, e é alvo de frequentes operações policiais.

A prefeitura estabeleceu como meta uma densidade populacional de 35 mil habitantes por km² —o equivalente a 17,5 mil moradores nos 500 mil me-

tros quadrados da região.

O dado consta do edital —aberto ontem para consulta pública— de contratação da empresa que fará o projeto urbanístico do novo bairro, rebatizado de Nova Luz.

O projeto, que deve ficar pronto só no segundo semestre de 2010, dirá exatamente quais tipos de prédios poderão ser feitos em cada local e terá de prever a construção de praças, centros de lazer e garagens e o alargamento das calçadas.

Com o projeto pronto, a prefeitura vai abrir licitação para escolher outra empresa que será responsável por implantá-lo.

Essa empresa terá o direito de desapropriar imóveis, mas deve fazer as obras exigidas pela prefeitura. Em troca, poderá lucrar na venda dos imóveis na área valorizada. As obras não devem começar antes de 2011. A prefeitura não sabe exata-

mente quantos moradores a área tem hoje, mas estima que são entre 10 mil e 12 mil.

O índice de 350 habitantes por quadra (100 m x 100 m) foi definido, segundo o secretário de Desenvolvimento Urbano, Miguel Bucalem, para aproveitar a infraestrutura já instalada —como as redes de água e luz.

Na região, já estão o Museu da Língua Portuguesa, a Sala São Paulo e a Pinacoteca. Ainda será instalado o futuro Palácio da Dança, com projeto estimado em R\$ 31,8 milhões.

Devem ser construídas cerca de 6.000 moradias na área, parte delas para famílias de baixa renda, financiadas pelo programa Minha Casa Minha Vida, do governo federal.

A prefeitura pretende estimular um maior aumento da população nas vias do entorno da cracolândia —avenidas Ipiranga, Cásper Líbero, Duque

de Caxias e Rio Branco— e na rua Santa Ifigênia.

Lapa e Barcelona

A Folha ouviu especialistas do mercado imobiliário, que consideram prematuro avaliar se o projeto terá sucesso, mas o diretor de incorporação da Klabin Segall, Sílvio Chamovitz, aposta num boom de investimentos, se não houver percalços nas desapropriações.

“Visitamos outras cidades com projetos semelhantes, como Barcelona, ou mesmo o Rio, onde lançamos um projeto na Lapa, que é muito similar à cracolândia. Lá, vendemos 688 unidades em duas horas”, diz.

Ele afirma, no entanto, que se não houver mudança na percepção da falta de segurança na cracolândia, será difícil convencer as pessoas a se mudar para o bairro. **EVANDRO SPINELLI e JOSÉ ERNESTO CREBENDIO**

O Projeto Nova Luz é um projeto de planejamento urbano que se apresenta muito controverso. No momento da publicação destas matérias, como indicado nas mesmas, tratava-se da proposição de um estudo de viabilidade econômica para a área. Segundo diferentes urbanistas e arquitetos consultados nestas matérias, o projeto pressupõe grande investimento privado e não define claramente uma política de habitação para setores carentes ou políticas de investimento em infra-estrutura básica, fato que passa a ser criticado. Outro aspecto presente em todas as matérias é o problema do crack, para a viabilização do projeto. É interessante notar como o problema do crack é colocado mais como um problema econômico que um problema social, desvelando o fato de que o interesse da prefeitura e do governo do estado é o de limpar a área para viabilizar o projeto urbanístico em estudo. Abaixo disponibilizamos duas matérias; a primeira, de 28/07 é interessante por mostrar a tentativa da prefeitura de maquiar a apresentação do local para os arquitetos e urbanistas convidados para evento organizado; é o discurso institucional e suas intencionalidades. A segunda é um destaque da matéria do dia 22/07, pontuando o olhar sobre o problema do crack. Os conflitos expressam os diferentes olhares:

Projeto Cracolândia- 28/07	Cracolândia- 22-07
<p> Urbanistas estrangeiros veem uma cracolândia sem crack em visita a São Paulo</p> <p>VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO DA REPORTAGEM LOCAL</p> <p>Uma cracolândia sem crack, uma Luz sem prostitutas, um centro sem assaltos e ruas sem lixo. Foi essa a São Paulo que um grupo de urbanistas estrangeiros trazido pelo IAB-SP (Instituto de Arquitetos do Brasil), em parceria com a prefeitura, conheceu ontem.</p> <p>Da Sala São Paulo, o grupo saiu escoltado por dois guardas civis armados na direção da Estação da Luz e da Pinacoteca. Em vez do trajeto original previsto pela prefeitura, que incluía ruas do reduto do tráfico de drogas, o grupo estrangeiro passou pela tangente da cracolândia e só viu de longe a degradação dos prédios da região.</p> <p>No meio do caminho, um homem com um tubo de cola na mão interrompeu a turma, pedindo dinheiro e uma "ajuda pelo amor de Deus". Em dois tempos, foi enxotado pela escolta armada.</p> <p>A justificativa dos organizadores para a mudança de itinerário foi "a falta de tempo". "Área degradada é área degradada. Não sentimos a necessidade de entrar naquela região porque temos dados que falam dela", disse a presidente do IAB de São Paulo, Rosana Ferrari.</p> <p>"Saio da Sala São Paulo e vejo aquele horror. Parece o 'Ensaio sobre a Cegueira'. Agora, o pessoal não viu isso. Eles estão preocupados com o desenho urbano da cidade", afirmou Nadia Somekh, titular do Brasil na UIA (União Internacional de Arquitetos), da qual boa parte do grupo faz parte, e responsável por trazer os estrangeiros ao país para discutir o projeto de revitalização da Nova Luz.</p> <p>"A vizinhança precisa ser limpada. Tem muito problema social. Quero voltar daqui a dez anos e ver como ficou", disse o cingapuriano Chong Chia Goh, que ri ao saber do antigo projeto de revitalização de favelas que leva o nome do seu país.</p> <p>A tarde, no auditório da prefeitura, os arquitetos estrangeiros da UIA ouviram alfinetadas de lado a lado do secretário de Desenvolvimento Urbano, Miguel Luiz Bucalem, e da arquiteta petista Nadia Somekh.</p> <p>Para ela, "as operações urbanas tomam 20% do mapa da cidade e só são voltadas para os carros". Para ele, "não cabe importar modelos e tentar transportar para cá, não vai funcionar".</p>	<p><small>COLONISTA DA FOLHA</small></p> <p>O governo estadual concluiu que depende menos da polícia do que dos psiquiatras para enfrentar o crack na região da Luz. Essa é a principal novidade do plano desenhado para tentar diminuir a incidência do uso de drogas na cracolândia, onde, apesar das várias ofensivas repressivas, continuam as imagens de consumo do crack —que atrapalham os projetos de revitalização da Luz, uma das promessas do governador José Serra (PSDB) e do prefeito Gilberto Kassab (DEM).</p> <p>O sucesso vai depender, se-</p>

Como discutido, contudo, estratégias e táticas se compõem continuamente em estado de tensão e a questão do crack se mostra como um problema de dimensões profundas. Estes sujeitos marginais ao sistema insistem em permanecer no mesmo, enfrentando as diferentes estratégias de controle social. Frente aos mapas urbanos propostos pelo discurso institucional, estes sujeitos definem percursos, demarcam delinqüências “ Se o delinqüente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca, se ele se caracteriza pelo privilégio do percurso sobre o estado, o relato é delinqüente.” (CERTEAU, 1994, p. 216)



Em todas as matérias publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo sobre as comunidades carentes, dois aspectos discutidos merecem destaque. Primeiro, estas comunidades lutam por condições de urbanidade e não conseguem identificar a cidade da qual fazem parte, como um lugar de fruição pois “ *para ser culturalmente qualificada como cidade, ela precisa ser boa como cidade, precisa de condições de viabilidade econômica, infraestrutura, políticas adequadas de habitação, transporte, saúde, educação, etc.*” (MENESES, A2006, p.39). Apesar disto, entendem seus territórios como lugares de pertencimento, vêem-se como habitantes e definem táticas de confronto, muitas delas já reconhecidas e usuais, como as barricadas, o fogo, as pedras no caminho e outras indicando a persistência de existir, mostrando-se como pedras no caminho. Estes são sujeitos presos aos territórios, os *vagabundos* que se põem em movimento não por desejo, mas por imposição do sistema. Segundo, as lutas simbólicas são tão densas e tensas quanto as lutas materiais; neste processo, contudo, diferentes instâncias de confronto se instalam, entre elas, as diferentes representações constituídas, inclusive pelas mídias massivas, no caso o jornal, que ao fazê-las corroboram um discurso social disseminado, reforçando os lugares sociais já inscritos e mascarando a condição de discurso e logo de poder posta na construção das representações sociais.



Bibliografia básica

AUGÉ, Marc. **Os Não Lugares**. Campinas, Editora Papirus, 1994.

BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia**. Ed. Hacker, S. P., 2005

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Z. (2004) **Vida líquida**, R.J. Jorge Zahar, 2007.

_____. **Globalização- as conseqüências humanas**, RJ, Jorge Zahar, 1999.

_____. **Comunidade**, R.J., Jorge Zahar, 2003

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas**, S.P, edusp, 2006, 4. ed.

_____. **Cidades e Cidadãos imaginados pelos meios de Comunicação IN
Opinião Pública**, Campinas, vol. VIII, n.1, 2002

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, SP, Vozes, 1994, tomo I

CHARTIER, Roger. “O Mundo como Representação” IN **Estudos Avançados** n. 11, 1991

_____. **A História Cultural- entre práticas e representações**, Lisboa, Difel,
1990

_____. “ Textos, impressões e leituras” IN Hunt, Lynn. **História Cultural**, S.P.,
Martins Fontes, 2006, 2ª. ed

FERRARA, Lucrecia. Cidade: meio, mídia e mediação IN **Revista Matrizes**, São Paulo,
ECA/USP, 2008, Ano1, n. 2.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, R. J., Edições Graal, 1988, 7ª. Ed.

_____. **A Ordem do Discurso**, S. P., Edições Loyola, 2010, 20ª. Ed.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. RJ, Ed. UFRJ, 1997.

MENESES, Ulpiano T.B.A *Cidade como Bem Cultural* IN Mori, V.H. et alli (org).
Patrimônio: Atualizando o Debate, , São Paulo, Sr/IPHAN, 2006



JORNAL FOLHA DE S. PAULO- Caderno Cotidiano- Junho de 2009 - Novembro de 2009.